

Universidade de São Paulo
Instituto de Relações Internacionais



A Sociedade dos Indivíduos de Norbert Elias: uma analogia da
relação entre modernidade e religião

Andressa Rocha Carnevalli Pompeu Ribeiro
Nº USP 9843661

A obra 'A Sociedade dos Indivíduos' de Norbert Elias supera as abordagens clássicas da relação sociedade-indivíduo. A priori, a abordagem sociológica dessa relação parte de **dois campos**, como coloca Elias:

“Parte das pessoas aborda as formações sócio-históricas como se tivessem sido concebidas, planejadas e criadas, tal como agora se apresentam ao observador retrospectivo, por diversos indivíduos ou organismos [...] Já o campo oposto despreza essa maneira de abordar as formações históricas e sociais. Para seus integrantes, o indivíduo não desempenha papel algum [...] A sociedade é concebida, por exemplo, como uma entidade orgânica supra-individual que avança inelutavelmente para a morte, atravessando etapas de juventude, maturidade e velhice.” (1994, pp. 12-13)

Ao considerar a questão da **relação** como uma das matérias mais importantes da sociologia, **Elias** considera **que as duas** abordagens **são** incompletas. **A primeira, que toma Max Weber como principal expoente, considera a sociedade como uma soma de indivíduos, indivíduos esses que são focados isoladamente e são preponderantes** sobre a sociedade. Nesse sentido, mesmo a psicologia individual não seria capaz de produzir, sozinha, elucidações sobre o comportamento dos indivíduos na sociedade. A outra abordagem, notadamente enraizada na obra de **Émile Durkheim, coloca a estrutura como algo exterior aos indivíduos, que independe das ações individuais. Do mesmo modo, as correntes de psicologia social, segundo Elias, “não conferem nenhum lugar apropriado às funções psicológicas do indivíduo singular”** (1994, p. 14). Além disso, dentro do senso comum, sociedade e indivíduo são vistos de maneira **antagônica**. Essa percepção parte **de uma auto-imagem construída que leva “o indivíduo a achar que, ‘dentro’ de si, ele é algo que existe inteiramente só, sem relacionamento com os outros, e que só ‘depois’ se relaciona com os outros ‘do lado de fora’”** (1994, p. 27). Elias, então, **aflora sobre a temática de maneira diferente.**

Na visão do sociólogo alemão, existe uma relação de **mutualismo** entre indivíduo e sociedade, isto é, uma relação positiva e que flui nos dois sentidos. A sociedade, composta de fato por indivíduos, toma forma não pela mera soma de cada pessoa,

mas é a totalidade que a compõe que cria seu significado único. Porém, não basta somente olhar a totalidade, é preciso entender que cada peça (indivíduo) também cria significado pelo seu lugar único na rede de relações interpessoais. Desse modo, Elias parte para a ideia de individualização, que é o processo pelo qual todo indivíduo passa ao construir a sua complexidade individual. Desde criança, o indivíduo é moldado pelas relações interpessoais previamente estabelecidas, como a família que já existe antes do nascimento. Como coloca Elias: “é apenas na sociedade que a criança pequena, com suas funções mentais maleáveis e relativamente indiferenciadas, se transforma num ser mais complexo” (1994, p. 23). Entende-se, então, que a sociedade influencia ativamente na complexização do indivíduo. Porém, tanto as constituições naturais únicas de cada pessoa quanto a sua função na rede de relações, isto é, seu lugar específico que é estabelecido na rede, na qual esse indivíduo crescerá, participam no processo e limitam a gama de possibilidades de individualização.

“Sua individualidade adulta não provém, necessariamente e por um caminho único, daquilo que percebemos como suas características distintivas, sua constituição especial, do mesmo modo que uma planta de determinada espécie evolui de sua semente: a constituição característica de uma criança recém-nascida dá margem a uma grande profusão de individualidades possíveis. Ela exhibe não mais que os limites e a posição da curva de dispersão em que pode residir a forma individual do adulto. O modo como essa forma realmente se desenvolve, como as características maleáveis da criança recém-nascida se cristalizam, gradativamente, nos contornos mais nítidos do adulto, nunca depende exclusivamente de sua constituição, mas sempre da natureza das relações entre ela e as outras pessoas.” (ELIAS, 1994, p. 24)

Como perceber, então, no contexto da modernidade, a ideia de imagens e símbolos que estão presentes tanto no imaginário individual quanto no coletivo? Ao pensar a modernidade como um tempo de fragmentação, de ruptura com uma ordem previamente estabelecida, isso potencializa de alguma forma a auto-imagem colocada por Elias no que tange à relação indivíduo-sociedade. O indivíduo e sua autoconsciência se desprendem da sociedade, como entidades à parte, como reprodução da fragmentação de toda a ordem anterior. David Harvey, em seu texto

‘Condição pós-moderna’ cita Berman na colocação: “Ser moderno é ser parte de um universo em que, como disse Marx, ‘tudo o que é sólido desmancha no ar’” (HARVEY, 1992, p. 21). Então, quando Elias coloca que indivíduos e sociedade participam **conjuntamente** no todo, é possível estender esse entendimento para a construção **imagética e simbólica humana**.

O secularismo advindo da modernidade, expresso na organização estatal, acompanha o ceticismo individual que ganha corpo em sociedade. Nesse sentido, a desconstrução simbólica da religião parece ser uma tendência. Ao partir do pressuposto de que os indivíduos possuem funções e lugares, relações interpessoais previamente estabelecidas e características individuais que limitam e moldam o processo de complexização individual, o surgimento e dispersão do ateísmo, que basicamente desconstrói o conjunto de imagens e símbolos religiosos, está dentro da relação entre indivíduo e sociedade. A modernidade, como fenômeno de sociedade, traz consigo o avanço da **ciência** que influencia nas percepções individuais **do universo imagético e simbólico**. A individualização, então, acompanha o movimento secular da sociedade. Sigmund Freud, em ‘O Mal Estar na Civilização’, ao descrever a sua resistência para com ‘o sentimento oceânico’¹ compartilhado por muitos em relação a religião, expressa a dinâmica descrita por Elias. A sua individualidade o faz tomar essa posição. Porém, a produção da sociedade moderna da mesma forma possibilita esse posicionamento.

A analogia se faz no sentido de que imagens e símbolos são produto tanto do imaginário individual quanto coletivo. Indivíduos e sociedade constroem esse **universo**, e também o destroem. A tendência ao ceticismo (sociedades como a

¹ Ao descrever a opinião de um colega à respeito de religiosidade, Freud cita o ‘sentimento oceânico’: “que encontra confirmado [o sentimento] por muitos outros e que pode imaginar atuante em milhões de pessoas. Trata-se de um sentimento que ele gostaria de designar como uma sensação de **‘eternidade’**, um sentimento de algo ilimitado, sem fronteiras – ‘oceânico’, por assim dizer. Esse sentimento, acrescenta, configura um fato puramente subjetivo, e não um artigo de fé; não traz **consigo qualquer garantia de imortalidade pessoal, mas constitui a fonte da energia religiosa de que se apoderam as diversas Igrejas e sistemas religiosos, é por eles veiculado para canais específicos e, indubitavelmente, também por eles exaurido.**” (FREUD, p. 2, disponível em <[http://www.projetovemser.com.br/blog/wp-includes/downloads/Livro%20-%20O%20Mal-Estar%20na%20Civiliza%20%C3o%20%20\(Sigmund%20Freud\).pdf](http://www.projetovemser.com.br/blog/wp-includes/downloads/Livro%20-%20O%20Mal-Estar%20na%20Civiliza%20%C3o%20%20(Sigmund%20Freud).pdf)>

Alemanha em que 34% da população se declara não-religiosa²) é consonante à ruptura característica da modernidade. A dimensão psicológica da crença em deuses faz parte de uma construção, cujos símbolos refletem características tanto sociais quanto individuais. As mudanças a respeito dessas percepções e desconstrução desses símbolos estão diretamente relacionadas com a simbiose entre sociedade e indivíduo descrita por Elias.



Referências bibliográficas

ELIAS, N. A Sociedade dos Indivíduos. Zahar, Rio de Janeiro, 1994. p. 1–51.

HARVEY, D. Condição Pós-Moderna. Brasil: Edições Loyola, 1992. p. 1-20.

FREUD, S. O mal estar na civilização. In: Rio de Janeiro: Zahar, 1994. p. 1–51.

² Os países mais e menos religiosos do planeta, disponível em
<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150414_religioao_gallup_cc>